

Sociologia do currículo: o aporte teórico de Ben Kotzee para pensar a formação do educador musical

Comunicação

Ana Carolina Nunes do Couto
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE
ana.carol.couto@gmail.com

Resumo: Esta comunicação visa apresentar as potencialidades dos pressupostos teóricos de Ben Kotzee (2014) como auxílio à elaboração de currículos profissionais em geral, e mais especificamente, ao currículo que prepara o educador musical. O texto se estrutura da seguinte maneira: uma introdução, na qual eu problematizo a necessidade que a área de educação musical tem de conhecer aportes teóricos que a auxiliem na transcendência do paradigma conservatorial que ainda norteia a estruturação curricular dos cursos de licenciatura em música do país. Em seguida, apresento sinteticamente os principais argumentos da sociologia do currículo de Kotzee, visando situá-lo no campo que discute a formação de profissionais em geral. Feito isso, procuro ultrapassar a abstração de sua teoria, ao trazer elementos concretos da profissão do educador musical, visando com isso dar início às primeiras reflexões sobre as potencialidades e/ou limitações que a teoria de Kotzee possui para pensarmos a formação do educador musical.

Palavras-chave: Sociologia do currículo; Formação profissional do educador musical; Currículo profissional.

Introdução

A formação de músicos em cursos superiores já vem sendo discutida na literatura acadêmica há algum tempo. São discussões que tratam tanto da formação de professores de música, quanto de músicos no sentido *stricto*, ou seja, do músico artista que atuará nas diversas frentes do mercado de trabalho, seja executando, compondo, arranjando ou produzindo.

No caso específico da formação oferecida pelas licenciaturas, a reflexão sobre o processo de formação profissional problematiza, seja de forma central ou periférica, a dificuldade de romper com o paradigma conservatorial (vide, por exemplo: BARBEITAS, 2002; COUTO, 2014; QUEIROZ e MARINHO, 2005). Pereira (2014) foi mais a fundo na questão dessa dificuldade de se transpor a tradição conservatorial, quando construiu o conceito de *habitus conservatorial*, fundamentado no sociólogo francês Bourdieu. Pereira

demonstrou que mesmo as tentativas de reformulação de currículos visando uma modernização ainda carregam disposições internalizadas que parecem orientar inconscientemente as práticas, acarretando mudanças curriculares, muitas vezes, meramente “cosméticas”.

Apesar da existência dessa discussão sobre a formação em nível superior do músico e do educador musical, noto que há uma carência do ponto de vista de uma fundamentação teórico-metodológica específica sobre currículo. Essa lacuna intelectual pode distorcer compreensões sobre diversos aspectos desse tipo de formação, o que não contribui para o rompimento com esse *habitus* conservatorial mencionado.

Ainda que a área de Música venha trilhando o caminho para ultrapassar a taciturnidade inerente à atividade artística, no sentido de construir explicações objetivas para a prática musical e suas diferentes formas de transmissão pela sociedade – discussões que costumam ocorrer especialmente no espaço da pós-graduação -, a Música continua carente de quadros teóricos e epistemológicos próprios. Em geral, enquanto estes vão sendo construídos aos poucos pelos membros da própria música através de suas pesquisas, por vezes é necessário recorrer a teorias de outras áreas (COUTO 2017; RAY, 2015a e 2015b). Como aponta estudo de Tomás (2015, p. 63), não raro a utilização desses quadros teóricos e epistemológicos emprestados de áreas diversas dá-se de maneira incorreta ou equivocada – seja pela falta de compreensão, seja pela falta de perícia em lidar com a atividade de pesquisa, o que acarreta em operacionalizações falhas desses quadros teóricos emprestados.

Independentemente desta dificuldade, há que continuar buscando aprimorar o entendimento dessas ferramentas intelectuais, no sentido de promover diagnósticos que deem conta da complexidade que é o conhecimento musical, bem como das suas diferentes epistemes e maneiras de transmissão. Acredito que apenas desta maneira teremos condições, enquanto área do conhecimento, de irmos além do modelo conservatorial, seja expandindo ou mesmo ultrapassando seu paradigma.

Nesse sentido, essa comunicação tem por objetivo apresentar algumas das potencialidades dos pressupostos de um teórico do currículo – Ben Kotzee – para auxiliar a estruturação curricular de formação superior em música, com ênfase na formação do educador musical. Acredito que o contato com a obra desse autor poderá lançar luzes em

nossas buscas por uma estruturação curricular que seja coerente com os processos epistêmicos da formação do educador musical, bem como com as demandas reais dessa profissão.

A localização de Ben Kotzee na sociologia do currículo profissional e seu arcabouço teórico

Como mencionado no início dessa comunicação, o teórico que apresentarei chama-se Ben Kotzee. Ele é professor de Educação no Reino Unido, e atua mais especificamente na área da Filosofia da Educação. O argumento central de Kotzee é o de que diferentes profissões possuem demandas diferentes em suas tarefas. Logo, é necessário entender o que cada profissão sabe e faz, antes de qualquer tentativa de elaborar um currículo que vai preparar aquele profissional.

Juntamente com outros autores, Kotzee surgiu com contribuições às críticas que a Sociologia das Profissões vinha recebendo a respeito de uma demasiada atenção dada sobre o poder que os profissionais podiam alcançar com o conhecimento que adquirem, e a consequente negligência ao que Young e Muller consideram primordial: *a natureza do conhecimento*, ou seja, quê conhecimento é esse que os profissionais precisam adquirir para serem considerados especialistas (YOUNG e MULLER, 2014, p. 05).

Ben Kotzee irá construir argumentos que demonstram que os conhecimentos são diferentes entre si, e que tais especificidades devem ser consideradas durante a elaboração de currículos profissionais. A preocupação desse autor se fixa, portanto, em compreender e mapear as propriedades sócio-epistêmicas distintas dos diferentes tipos e corpos de conhecimentos que os membros de determinada profissão utilizam durante a solução de seus problemas no exercício das tarefas existentes em seus trabalhos.

Kotzee desenvolve pesquisas que buscam entender a natureza da *expertise* e sua relação com a educação profissional, ou seja, com o currículo profissional. Para ele, a maioria das teorias no campo da educação profissional havia pensado, até então, sobre a *expertise* de uma forma muito parecida – a ideia de que a *expertise* é desenvolvida através de um longo tempo de prática em determinado campo, ao invés do estudo teórico. Para essas teorias, seria a prática que levaria alguém a adquirir habilidades para desempenhar as tarefas num determinado campo com um alto nível de excelência e fluência e sem muito

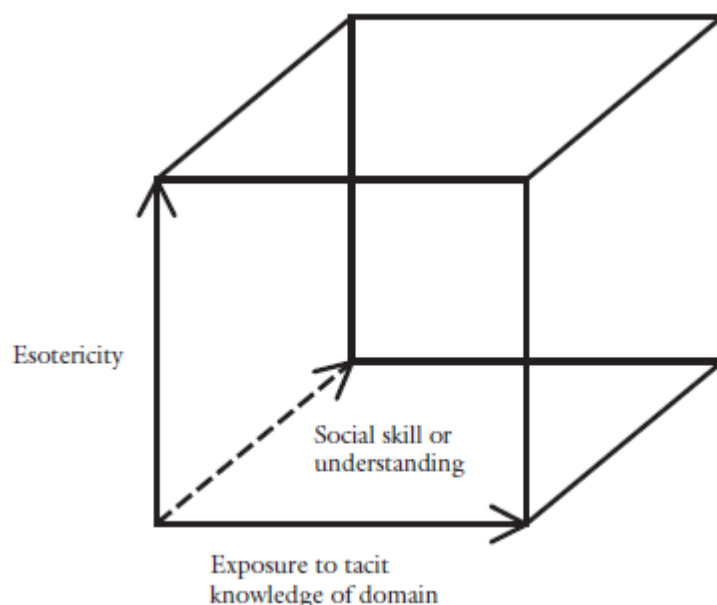
esforço, ou seja, com *expertise* (para maiores detalhes, ver YOUNG e MÜLLER, 2014). Segundo Kotzee, esse pensamento trouxe algumas consequências negativas para o campo da educação profissional: uma supervalorização do desenvolvimento de competências e habilidades genéricas, e com isso a depreciação do conhecimento teórico. Kotzee questiona essa visão que enfatiza o desenvolvimento da *expertise* profissional exclusivamente através da via prática, e o faz calcado em argumentos da Filosofia, da Psicologia e da Sociologia. Kotzee conclui que essa abordagem estritamente prática ignorou aquilo que ele chama de "diferenciação" da *expertise* - o fato de que diferentes formas de conhecimento diferem entre si de maneiras significativas (KOTZEE, 2014. p. 62).

Portanto, de acordo com o autor, a melhor maneira de entender o que cada profissão sabe e faz seria através da compreensão de sua *expertise* profissional. O que exatamente faz um *expert* daquela profissão, quando ele está atuando com desenvoltura e habilidade em sua área? Que tarefas ele realiza? De que jeito ele as realiza? Quais tipos de conhecimentos ele precisa mobilizar para desempenhar as suas tarefas?

Ou seja, para Kotzee, não se trata de uma simples dicotomia entre teoria e prática. Ele afirma que é necessário entender, primeiro, quais são as demandas específicas de cada *expertise* profissional, para que a elaboração de uma trajetória de formação daquele profissional seja coerente com os tipos de tarefas que o *expert* daquela área faz. Em síntese: olhe para o que o profissional de excelência faz, e procure entender os conhecimentos que aquele profissional utiliza, de quais tipos, e a episteme de cada um.

Explicando de forma sumária, a proposta de Kotzee é que a diferenciação das formas de *expertise* profissional considere três aspectos: 1) o grau de esoterismo, 2) o grau de taciticidade, e 3) e aquilo que ele chama de *social skill or understanding*, algo que eu traduzi como sendo o grau de habilidade social requerido pela profissão, ou seja, a habilidade para "captar" ou "entender" aspectos das relações sociais implicadas nas tarefas daquela profissão (KOTZEE, 2014). Estes três aspectos são representados na seguinte figura:

FIGURA 1 – Diagrama tridimensional dos três aspectos da *Expertise* Profissional.



Fonte: KOTZEE, 2014, p. 72.

1) Grau de esoterismo da profissão: seria representado pelo eixo Y. Esse eixo indica o quanto aquela *expertise* é amplamente distribuída entre as pessoas, ou o quanto ela é fechada e restrita a um número bem pequeno de pessoas. Quanto mais esotérica a profissão, mais alto o eixo Y irá subir;

2) Grau de taciticidade da profissão: no esquema de Kotzze ele é representado pelo eixo X. Esse eixo indica o quanto aquela *expertise* demanda o conhecimento do tipo tácito, muito ligado à dimensão corpórea do indivíduo, e discute a necessidade da profissão ter ou não de saber verbalizar sobre ele. Quanto mais tácita for a profissão, mais o eixo X irá se mover para a direita.

3) Grau de sociabilidade da profissão: Esse grau seria representado pelo eixo Z. O eixo Z indica o quanto aquela *expertise* demanda de seus profissionais a habilidade de conseguir captar e compreender as necessidades de outras pessoas ao seu redor. Quanto mais a profissão em questão demandar a desenvoltura com habilidades sociais, mais profundo irá ser o eixo Z.

Os três eixos do esquema desenvolvido por Ben Kotzee nos ajudam a identificar as demandas de uma determinada *expertise* profissional. Falarei agora da maneira como eles funcionariam através de exemplos da área de música.

O esquema tridimensional de Kotzee e a profissão de educador musical

Como vimos, Kotzee está querendo dizer que algumas profissões demandam muito um conhecimento mais explícito, mais verbal, teórico. Outras profissões demandam uma grande quantidade de conhecimento tácito. Outras, ainda, irão demandar uma combinação desses dois conhecimentos juntos. Algumas profissões vão requerer de seus profissionais uma alta capacidade de interação social, ou seja, uma capacidade para entender e perceber o outro, para captar as necessidades de outras pessoas e de saber se comunicar bem com elas. Já outras, nem tanto.

a) O Eixo X – o grau de exposição ao conhecimento tácito

Vejam primeiro o eixo **X**, que representa o quanto aquela profissão está exposta ao conhecimento chamado de tácito. O conhecimento tácito é aquele tipo de conhecimento do qual se tem dificuldade de verbalizar, principalmente porque ele costuma ser um tipo de conhecimento incorporado, adquirido através da experiência acumulada, muito relacionado às sensações físicas da pessoa que o possui. Ele é muito mais implícito do que explícito. As pessoas sabem fazer, mas nem sempre sabem explicar o que estão fazendo. E o ponto-chave do eixo X no esquema de Kotzee é justamente esse: para algumas profissões, é importante saber falar sobre o que se faz, e como se faz. Para outras, isso já não faz tanta diferença. Vejam exemplos.

Um tipo de *expertise* em que a pessoa precisa saber fazer, mas não necessariamente precisa saber explicar aquilo que se faz enquanto se faz para que seja considerado um excelente profissional, é o atleta. Para ser considerado excelente, o atleta precisa saber realizar, e não necessariamente explicitar como realizou. Pode até ser interessante sabermos de que forma um jogador projetou o seu corpo no tempo e no espaço, distribuindo seu peso ao chutar uma bola, por exemplo; mas o que interessa, de fato, é que ele saiba fazer isso com desenvoltura e habilidades suficientes para fazer o gol. Seu conhecimento costuma ser incorporado, adquirido através da prática e do treino. Mas já

para outras profissões, o fato de saber explicar - e com riqueza de detalhes - o que se faz, e como se faz, e o que se tem em mente *enquanto* se faz, é fundamental para que a pessoa seja considerada um profissional de excelência. Um exemplo que o próprio Ben Kotzee nos traz é o profissional da área de contabilidade. Um bom contador precisa explicitar com muita transparência em seus relatórios todo o raciocínio utilizado para tomada de decisões. Um bom contador precisa evidenciar de uma forma muito clara que a interpretação da realidade financeira, econômica e patrimonial das entidades seguiu todas as regras definidas como corretas por aquela área. Assim, Kotzee afirma que em algumas profissões é necessário saber falar sobre o que se faz, saber explicitar como se fez, enquanto que em outras não, em outras basta *saber fazer*.

Para nós da área da licenciatura em música, seria então necessário examinar se o professor é mais parecido com o atleta ou com o contador – ou ainda, se uma mistura dos dois. O educador musical, para ser considerado um bom profissional, precisa saber explicitar o que faz e como faz? Ele precisa evidenciar aos outros suas escolhas e raciocínio das tarefas realizadas? Nesse sentido, as tarefas realizadas pelo educador precisam ser conhecidas, identificadas e classificadas. Em artigo de 2007, Penna chega a apresentar algumas das funções desempenhadas pelo educador musical. Saber tocar um instrumento, por exemplo, é apenas uma das atividades necessárias a esse profissional. Especificamente sobre essa atividade, uma série de problematizações pode ser construída. Seria interessante entender em qual contexto de atuação do educador musical a execução musical ocorre – se no contexto da escola regular, se no terceiro setor, se em escolas específicas de música; em cada situação, a demanda poderá ser diferente. Por exemplo, se o educador utilizar o instrumento como uma ferramenta pedagógica apenas para se acompanhar e demonstrar tópicos estudados na aula, ou para acompanhar um grupo vocal, talvez não seja necessário que ele explicita como está tocando, de que forma movimenta seu corpo durante a execução instrumental, e nem que explicita quais foram os critérios estéticos que o levaram a optar por determinados efeitos sonoros ou interpretação - o importante é saber tocar. Porém, tais informações poderão ser fundamentais se o contexto da aula for uma aula de instrumento, aonde a verbalização de tais elementos pode ser imprescindível.

b) O Eixo Y – o grau de esoterismo do conhecimento da profissão

Como já visto, o eixo **Y** representa o grau de esoterismo da profissão, ou seja, o quanto o conhecimento daquela profissão é algo amplamente distribuído ou não. Esse eixo tem implicações óbvias do ponto de vista educacional. Os conhecimentos que costumam ser mais esotéricos são daquele tipo que se leva mais tempo para adquirir e conhecer, geralmente através de longo tempo de estudo. Um exemplo de um conhecimento muito esotérico é o da teoria musical mais avançada, ou dos conhecimentos musicais que envolvem o domínio das sintaxes das linguagens dodecafônica, serial. Esse tipo de conhecimento não é amplamente distribuído entre as pessoas, ou seja, ele se circunscreve a um grupo fechado de pessoas, e costuma ser adquirido através de estudos teóricos num longo tempo de estudos.

Mas o conhecimento esotérico não necessariamente é apenas teórico. Ele pode ser prático também. Um exemplo claro é a da prática instrumental num nível considerado de excelência, já que poucas pessoas sabem tocar piano - por exemplo - num nível considerado de *expertise*.

c) O Eixo Z – o grau de sociabilidade da profissão

Por fim, temos o eixo **Z**, o eixo da profundidade no esquema tridimensional de Kotzee. Esse eixo vai representar o grau de habilidade social, ou poderíamos chamar também de compreensão social. Algumas profissões demandam de seus profissionais a capacidade de saber interagir bem com outras pessoas em situações diversas, e durante essa interação o profissional precisa ser capaz de captar as necessidades, as perspectivas, as intenções, e etc., das outras pessoas, sejam pessoas daquela profissão ou não. Tal interação é fundamental para que se realize bem as tarefas daquele tipo de trabalho. Quanto mais aquela profissão demanda que a pessoa saiba interagir socialmente com habilidade e inteligência, mais profundo será o eixo Z. Uma coisa fundamental desse eixo Z, e que o torna diferenciado em relação aos eixos X e Y, é que ele, o eixo Z, tem uma dimensão que é social, enquanto que os outros 2 não. Os outros dois eixos, X e Y, são mais individuais e cognitivos.

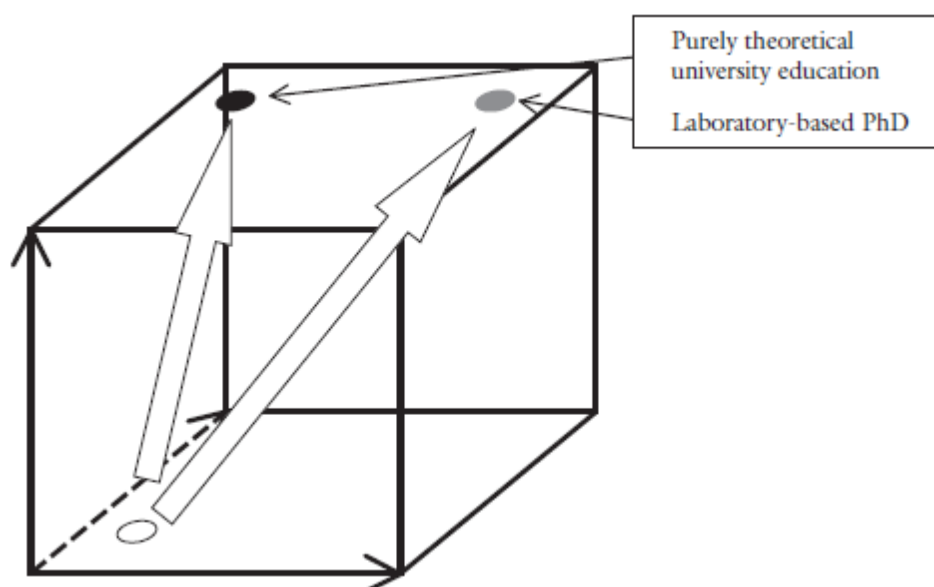
E quais implicações isso traz para pensarmos o currículo profissional?

As implicações residem no fato de que os tipos de atividades que são necessárias para adquirir cada um desses conhecimentos serão específicas, e por essa razão elas precisariam ser bem equilibradas em sua distribuição no currículo.

Profissões que são muito teóricas e intelectuais irão precisar de atividades nos currículos que sejam mais teóricas, argumentativas e reflexivas. Já aquelas profissões que possuem uma característica mais prática, precisarão de atividades de caráter mais laboratorial, de oficinas práticas, enfim, de atividades práticas que simulem situações aonde os estudantes exerçam as tarefas. E as que demandam, necessariamente, saber interagir com outras pessoas, precisarão de uma trajetória de aprendizagem que simule tais situações sociais.

Assim, as atividades de formação de um profissional são representadas da seguinte maneira, de acordo com o autor:

Figura 2 – Duas trajetórias diferentes de formação profissional



Fonte: KOTZEE, 2014, p. 74.

Considerações finais

O contato com as teorias existentes sobre o currículo que as diferentes áreas do conhecimento produzem pode auxiliar a Educação Musical a ressignificar diversas práticas incorporadas ao longo de séculos de vigência do paradigma conservatorial.

Os pressupostos teóricos de Ben Kotzee que apresentei sumariamente aqui foram estruturados pelo autor a partir de exemplificações de profissões que não têm relação direta com o campo artístico (os exemplos dados pelo autor em seu texto de 2014 são a medicina,

a contabilidade, o esporte, o profissional da área de computação, e também profissões que não costumam exigir formação em nível superior, tais como um trabalhador de fábrica e um cuidador de pessoas idosas).

Certamente, a reflexão sobre profissões relacionadas às artes em geral, e à Música em específico, precisa levar em consideração diversos aspectos que não puderam ser sequer apontados aqui. Nesse sentido, há que se considerar a possibilidade de trabalhos futuros que poderiam apontar as potencialidades, bem como as limitações da teoria de Kotzee para o campo da formação em Música e em Educação Musical. Para isso, seria necessário o estudo mais detalhado dessa teoria, algo impossível de ser realizado num trabalho com as dimensões permitidas aqui. No entanto, espero ter introduzido pontos que gerem futuras reflexões aos educadores musicais interessados em problematizar teoricamente seu campo, bem como operacionalizá-las empiricamente à luz de Kotzee.

Referências

BARBEITAS, F. T. Do Conservatório à Universidade: o novo currículo de graduação da Escola de Música da UFMG. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 7, p. 75-82, 2002.

COUTO, A. C. N. do. Repensando o ensino de música universitário brasileiro: breve análise de uma trajetória de ganho e perdas. *Opus* (Belo Horizonte). Online, v. 20, p. 233-256, 2014.

_____. A dialética social da pesquisa em música: produção do conhecimento e autonomia profissional dos músicos performers na pós-graduação brasileira. *Tese de doutorado*. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

KOTZEE, Ben. Differentiating forms of professional expertise. In: YOUNG, M.; MULLER, J. (Orgs.). *Knowledge, expertise and the professions*. London: Routledge. 2014. p. 61-77.

PENNA, Maura. Não basta tocar? Discutindo a formação do educador musical. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 16, 49-56, mar. 2007.

PEREIRA, M. V. M. Licenciatura em música e *habitus* conservatorial: analisando o currículo. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 22, p. 90-103, 2014.

QUEIROZ, L. R. S.; MARINHO, V. M. Novas perspectivas para a formação de professores de música: reflexões acerca do Projeto Político Pedagógico da Licenciatura em Música da Universidade Federal da Paraíba. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 13, 2005.

RAY, S. (Org.). *Performance musical e suas interfaces*. Goiânia: Editora Vieira, 2015.

_____. *Pedagogia da performance musical. Tese de livre docência*. Escola de Música e Artes Cênicas - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015b.

TOMÁS, L. *Pesquisa acadêmica na área de Música: um estado da arte (1988-2013)*. Porto Alegre: ANPPOM, 2015. v. 4. (Série pesquisa em música no Brasil).

YOUNG, Michael; MULLER, Johan. *Knowledge, Expertise and the Professions*. Routledge, London and New York. 2014.